

TRABALHADORES FABRIS, TRABALHADORES DE BANCAS DE PESPONTO E TRABALHADORES DOMICILIARES: CORPOS MODELIZADOS A PARTIR DE UM PODER DISCIPLINAR.

Talita Bertanha de Freitas/ bolsista CNPq/ PIBIC

Dra. Profa. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Centro Universitário de Franca – Uni-FACEF

1- Introdução

O poder, na perspectiva foucaultiana, rompe com as concepções jurídicas que o identifica com o conceito de soberania, segundo Foucault (2004), o Estado e a lei surgem apenas como “forma terminal” do poder. O fato é que são nos aparelhos estatais, nas formulações da lei, nas hegemonias sociais onde o jogo de força do poder toma corpo, cristaliza-se.

O poder se efetua em forma de rede na qual não é visto os pontos, os focos, os indivíduos, mas sim o movimento. Os indivíduos são alvo tanto para exercer o poder quanto para serem submetidos a ele, desse modo, o poder circula em infinitas direções, atravessando os corpos sem se deter exclusivamente em ninguém. (POGREBINSCHI, 2004)

O poder se materializa nos corpos dos sujeitos individualizados por suas técnicas disciplinares, para tanto, o objetivo maior é adestrar, se apropriar de seu melhor território que é o indivíduo. Sem dúvida as técnicas disciplinares de poder fazem aumentar a utilidade dos corpos, tornando-os peças da engrenagem do sistema econômico e social. O corpo-objeto tanto mais útil como produtor, quanto mais lucrativo como consumidor do poder.

A disciplina consiste essencialmente como uma tecnologia específica do poder que faz crescer e multiplicar os corpos docilizados, modelizados, ou seja, perpetua o poder em que estão submetidos todos os indivíduos. Para tanto, a disciplina se vale de um conjunto de técnicas, de níveis de aplicações para se efetuar, que são os mecanismos disciplinares.

Os métodos de controle do corpo agem de acordo com uma codificação que esquadrija ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos, permitindo o controle minucioso das operações do corpo, realizando a sujeição constante de suas forças e o transformando num corpo-objeto. (FOUCAULT, 2004).

A disciplina se efetua com os indivíduos distribuídos, manipulados no espaço, para isso, os corpos podem estar organizados em um local fechado, cerrado, demarcado, satisfazendo não só a necessidade de vigiar, de romper às comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. Foucault (2004), escolhe os exemplos das instituições industriais em que o espaço cercado e delimitado da fábrica é o facilitador para a concentração das forças de produção, para que se tire dos corpos o que há de maior valor, o exercício do trabalho com o máximo de habilidade e rapidez. A disciplina produz assim corpos submissos e exercitados, corpos modelizados.

Para Foucault (2004), o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos como o efeito de um olhar, o olhar ativo que exerce um controle disciplinador. Será então o jogo de olhares que, sob um olhar que tudo vê, um olhar hierárquico, exercerá o poder de vigilância, agindo de modo coercitivo, de forma a exercer um controle intenso e contínuo sobre o corpo.

Como ilustração ao papel facilitador e controlador assumido pelo poder da vigilância, as fábricas são os locais onde o modo de vigilância corre ao longo de todo o processo de trabalho, se efetua tanto sobre a produção (a matéria-prima, os instrumentos de trabalho), como sobre a atividade dos operários: quais são seus conhecimentos técnicos; como é a sua maneira de trabalhar: ágil, eficiente, zelosa; como é seu comportamento: silencioso, agitado ou quieto. (FOUCAULT, 2004).

Fazendo uma ponte para a realidade das instituições atuais, mais precisamente as fábricas calçadistas, é possível esquadrijar os efeitos do poder disciplinador, nas esteirasⁱ das fábricas, nas fileiras de trabalhadores, no corpo subjetivo dos trabalhadores, ou seja, em seus desejos, seus ideais, seus valores, suas representações.

De acordo com Fernandesⁱⁱ, que realizou uma pesquisa de campo, predominantemente qualitativa, entre setembro a dezembro de 2004, colhendo relatos do operariado de uma cidade do interior de São Paulo localizada no maior pólo calçadista do país, fez um resgate das mudanças ocorridas no processo de trabalho na fábrica ao longo

dos anos, e da memória do trabalho operário. Foi observado que, em decorrência do contexto econômico e social caracterizado pelo neoliberalismo, houve um aglomerado industrial aliado à alta taxa de desemprego estrutural (o não-trabalho). Correspondendo, portanto, no aumento da insegurança no ambiente de trabalho, que em consequência, produz uma massa de operários submetidos à execução de tarefas uniformes, monótonas e repetitivas, que reduzem o trabalhador ao nível de aceitação passiva, onde não há espaço para que se desponte uma aptidão ou um talento.

O trabalho na esteira e as exigências decorrentes da produção impõem ao corpo toda a atenção voltada para os sinais que a máquina emite, à tarefa exige do operário limites bem definidos e vigilância constante sobre seu corpo: o automatismo no gesto, a eficiência e a rapidez no movimento. O ruído da máquina é o controlador do tempo e do ritmo do corpo.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Mendes (2005), em sua pesquisa que teve como principal substrato empírico os processos trabalhistas custodiados pelo Arquivo Histórico Municipal de Franca/SP, faz uma análise qualitativa da formação social da classe de operariado do calçado (sapateiros) em Franca-SP no período que vai de 1968 a 1988, momento histórico que caracteriza a consolidação do município como pólo calçadista de significativa importância nacional e internacional. O autor apresenta um universo de relações sociais calcadas em vivências e experiências que se expandem para além dos muros das fábricas. Conflitos do ambiente de trabalho que tem como base a vida cotidiana do operariado.

Para melhor exemplificar as práticas disciplinares do “chão-de-fábrica” o autor em sua pesquisa expõe vários relatos de experiências dos “sapateiros” que demonstram o jogo de forças entre as linhas rígidas das normas disciplinares das fábricas e a espontaneidade da vida que se manifesta em cada indivíduo.

Fernandesⁱⁱⁱ, acrescenta que, segundo a lógica do capital, o processo de trabalho na indústria vai se racionalizando e aponta para uma crescente especialização e fragmentação das tarefas. Segundo as eloqüentes expressões dos trabalhadores da linha de montagem de uma indústria calçadista, as condutas exigidas para os operários sobre a esteira acabam por impor ao corpo um trabalho despersonalizado, alienado que exige dele um isolamento em relação ao todo.

Ainda segundo a mesma autora, a fragmentação das tarefas e a pressão decorrente da extrema vigilância exigida para sua execução impõem uma ordem de distribuição dos operários no espaço, separados em compartimentos, dispostos em filas, não havendo brecha para conversas ou para qualquer tipo de movimento grupal. No interior das fabricas as relações vão se tornando frias, formais e categóricas.

Em uma perspectiva taylorista de administrar o tempo de produção a ética do trabalho tem seu período mais intenso. A rotina do trabalho normatiza as ações humanas e os relógios mecânicos ditam o ritmo da produção. “Sendo assim, os trabalhadores no mundo lutam com a disciplina. Sabiam que poderiam temperar as dores do tédio, mas não as abolir naquela jaula de ferro do tempo. As dores da rotina demais de um século culminaram em gerações que aprenderam *a perder a vida para ganhá-la*” (MENDES, 2005, p. 159.)

Segundo Mendes (2005), por detrás do cenário fabril a grande peça que funciona como engrenagem para a sociedade do século XX foram as práticas disciplinares que aperfeiçoaram um novo tipo de humano conforme ao novo tipo de trabalho e de produção, uma “adaptação psicofísica” ao sistema de produção industrial.

Na década de 1980 o crescimento da produção calçadista sofreu uma queda brusca, ocasionando a falência de várias empresas, o fechamento de bancas e a redução do volume de trabalho enviado para ser feito a domicílio. Contudo, diminui a parcela dos postos formais de trabalho nas fábricas, sendo substituído pelo trabalho realizado através da prestação de serviços em domicílio. “Lembramos que essa forma de produção já existia anteriormente, como uma tendência histórica. Ou seja, ocorre uma reinvenção da terceirização em Franca (...).” (MENDES, 2005, p.107.)

Atualmente a grande questão é como desconstruir o corpo rígido do operariado fabril com suas rugas do tempo rotinizado para que se dê espaço à “invenção” do trabalho contemporâneo que sem território fixo não possui um olhar externo vigilante, as punições coercitivas legitimadas pelo patrão, e a sirene da fábrica. A nova dinâmica de organização do trabalho é ressonante ao modo flexível, espontâneo, criativo e nômade característico da sociedade contemporânea. (MENDES, 2005)

A cidade onde está sendo realizada a atual pesquisa é a mesma citada Por Mendes (2005) onde dispõe de diferentes modos de execução do trabalho, de um lado o trabalho

fabril que aponta para um esquema sistematizado de distribuição e controle dos sujeitos, de forma que o poder se imponha ao corpo e o modele; do outro lado, o trabalho nas bancas de pesponto e o trabalho domiciliar que se diferenciam por um cotidiano de trabalho infiltrado no cotidiano domiciliar.

Diante desse quadro, tornou-se pertinente compreender as implicações dos novos cenários de trabalho tanto de dentro das residências e das bancas de pesponto como também do novo cenário fabril, reconhecendo os efeitos do poder disciplinador nos atores sociais dos diferentes cenários de trabalho.

2- Método

A pesquisa, apresentada neste artigo, segue como pressuposto metodológico a abordagem qualitativa e etnográfica que segundo André (1995) exige do pesquisador “uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações” (p.41), esse tipo de pesquisa traz a luz o que sutilmente fica implícito entre as relações. Segundo Minayo (1996), para se chegar a uma análise de profundidade do material recolhido é necessário uma postura, uma atitude, por parte dos pesquisadores, de busca a partir do próprio material coletado para se desvendar com clareza e riqueza de dados o contexto do ambiente explorado.

Os procedimentos da referida pesquisa ocorrem em duas etapas, a primeira etapa consiste na estratégia de coleta de dados que é composta pela fase exploratória e a fase focalizada. A fase exploratória já foi realizada, foram feitas observações participantes em sete residências, em três bancas de pesponto e em duas fábricas de calçado de porte médio. A fase focalizada consistirá na realização de entrevistas individuais, semi-estruturadas, com os trabalhadores domiciliares, trabalhadores de bancas de pesponto e trabalhadores fabris, as entrevistas serão gravadas e transcritas na íntegra. Já a segunda etapa consiste na análise de conteúdo tradicional dos dados recolhidos tanto das observações como das entrevistas. Até o momento foi feita a análise de todo o conteúdo recolhido das observações participante nas fábricas, nas bancas e nas residências.

3 – Resultados e Discussão

O bairro Jardim Andorinha^{iv}, onde localizam as sete residências e as três bancas de pesponto, que participaram da pesquisa de campo, é considerado novo na cidade e se localiza em uma região periférica. No final de agosto de 2003, a Prefeitura Municipal de Franca e a Prohab (Programa de habitação Popular), em parceria com a Caixa Econômica Federal iniciaram a entrega das casas construídas no Jardim Andorinha, que visava contemplar moradores que não tinham casa própria e que mantinham seus impostos em dia. O bairro não possui escola, postos de saúde, NUBS, creches, clubes, centro comunitário, praças, porém há a circulação de ônibus escolar e transporte público que faz a ligação do bairro com os demais bairros da cidade. O bairro é iluminado, a maioria das ruas é asfaltada, possui saneamento básico e telefones públicos.

A) As residências

As casas do bairro seguem o modelo popular, algumas apenas modificaram a fachada ou ampliaram algum cômodo de dentro da residência. Das sete residências quatro possuem portões na frente e são muradas ao lado, duas residências foram ampliadas com uma varanda.

Os participantes das observações em cinco residências foram mulheres que, no caso, todas exercem os papéis de esposa e de mãe, em uma residência participou toda a família, o pai, a mãe e os seis filhos que trabalham em casa na costura de sapatos e por fim em uma residência participou um casal que trabalha juntos em casa, o marido também recebe a aposentadoria.

Dentro das residências o espaço de trabalho, para cinco moradoras, é na sala de casa. Outras duas mulheres, uma delas com seu marido, trabalham na varanda de casa. Em uma outra residência, em que marido, mulher e filhos trabalham, não há local fixo ora na calçada ora na sala.

Para Foucault (2004) a disciplina se efetua com os indivíduos distribuídos, manipulados no espaço, satisfazendo não só a necessidade de vigiar, de romper relações, mas também de se criar um espaço útil, foi observado que os trabalho inserido no espaço reservado do lar, um espaço que se supunha ser livre de demarcações não acontece dessa forma, mesmo sem a figura concreta do patrão ou sem o espaço delimitado da fábrica os

trabalhadores se organizam em casa, demarcando um espaço para o trabalho, sozinhos, apenas com o ruído da TV e não com o ruído das máquinas como comenta Fernandes^v em seu trabalho.

Sobre o movimento do corpo, especificamente quando os trabalhadores estão entregues naqueles movimentos repetitivos para se costurar sapatos foi visto que dois corpos estão acostumados a trabalharem sentados no sofá ou em um banco, com a cabeça e os ombros curvados em direção as mãos baixas que manuseiam as agulhas, os dedos calejados, os braços e as mãos se movem sem que se precise a priori de um pensamento de como fazer, de frente para a televisão a atenção dos corpos se dividem nas informações anunciadas pela TV ou pelo rádio. Três mulheres trabalham sentadas no sofá, duas em um banco. Outros três trabalhadores, um casal e uma mulher, ficam na varanda de casa, sentados em um banco costurando, a mulher da varanda tem visão para a TV na sala ou quando não está ouvindo rádio. Na única residência onde se trabalha toda a família normalmente costumam sentados em um banco ou no chão da calçada de casa, ou como acontece à noite, todos estão sala com a televisão ligada e na mão linhas e agulha, costurando.

Segundo Foucault (2004), os mecanismos disciplinares que esquadriham o tempo, o espaço e os movimentos agem dentro de instituições, como nas fábricas, os corpos são submetidos às ordens do tempo acelerado, do corpo ágil somente para os movimentos específicos, e o olhar do patrão vigilante durante todo o tempo. Ao contrário do que se supunha o trabalho nas residências não é livre de horários, regras e rotinas. Como foi observado os movimento dos corpos não deixam de ser automatizados e podres de espontaneidade.

O tempo, sobre os horários de trabalho o que observou é que os trabalhadores não possuem horas determinadas para se trabalhar, o que acontece em quatro residências, apenas uma das mulheres estabelece para si uma rotina. Esmiuçando sobre a rotina dos trabalhadores, ressaltando assim a dupla jornada foi observada a dinâmica do dia destas pessoas, onde o trabalho se mistura com a rotina do lar. Seis mulheres além da costura também assumem o cuidado da casa e cinco destas mulheres ainda cuidam dos filhos e uma da neta. Sobre o ritmo de trabalho foi visto que cada moradora tem o seu próprio ritmo, não há ninguém para cobrar dos trabalhadores um trabalho mais ou menos rápido. Porém ouviu-

se relatos de quatro mulheres que quando há uma grande demanda de serviço elas ficam durante os finais de semana e até de madrugada costurando sapato para dar tempo de entregar os sapatos prontos no prazo estabelecido pelo intermediário.

O trabalho em casa não foge das obrigações que se tem nas fábricas - a necessidade de se produzir. Assim o olhar externo do patrão se descola para um olhar interno, agora tem-se uma “auto vigilância”, uma “auto cobrança” , as trabalhadoras apesar de ter um ritmo flexível de horas de trabalho ficam finais de semana e até de madrugada trabalhando.

B) As Bancas de Pesponto

Passando para o cenário das bancas de pesponto, em relação à primeira banca, se localiza nos fundos a casa do proprietário, a estrutura da banca se resume por apenas um cômodo pequeno, onde há duas máquinas de pesponto e uma mesa, há ainda uma varanda que separa o fundo da casa e o começo da banca, nos dias quente todos saem da banca e trabalham ao ar livre na varanda. A segunda banca localiza-se ao lado da residência do proprietário, separada por um muro baixo, a estrutura da banca consiste em um cômodo amplo, há quatro máquinas de pespontagem e quatro mesas. A terceira banca pesponto também está ao lado da residência do dono, porém sua estrutura é mais complexa, possui muros altos, dois cômodos, em um cômodo estão dez máquinas de pesponto e três mesas, no outro pequeno cômodo trabalham poucos funcionários no acabamento dos sapatos, e há também dois banheiros, um masculino outro feminino.

Na primeira banca de pesponto trabalham apenas o casal proprietário e seu filho mais velho, esporadicamente a vizinha da família também trabalha. Na segunda banca de pesponto trabalham o casal proprietário e oito funcionários, todos moradores do bairro Jardim Andorinha. Na terceira banca de pesponto trabalham o casal proprietário, os seus três filhos mais velhos e mais dez funcionários.

Na banca de maior porte há um grande número de pessoas o que implica uma maior organização para que se possa produzir e não ter um ambiente caótico, dessa forma, foi notado que os trabalhadores pouco se levantam, eles ficam o tempo todo com os olhos voltados para as mãos, que automaticamente manuseiam o sapato, em alguns momentos, após um longo período em que ficaram com a cabeça baixa, eles sobem a cabeça e dão uma

despreocupada. Em contrapartida, na primeira banca o que mais se ouve são conversas descontraídas, alguém contando piadas, outro cantando em voz alta e risadas.

Foucault (2004) coloca a vigilância como um dos mecanismos de controle mais eficaz para controlar as atividades dos operários e os comportamentos. O que acontece na terceira banca de pesponto onde os trabalhadores estão lado a lado com os patrões, as conversas são sempre curtas e cochichadas, poucos se levantam e sempre com o pretexto de ir beber água ou ir ao banheiro. Na primeira banca de pesponto como somente os integrantes da família trabalham, há mais conversas, brincadeira e movimentos, as pessoas levantam-se vão até a casa descansam um pouco, cuidam o filho mais novo de quatro anos, os trabalhadores que fazem os seus próprios horários de trabalho. É perceptível que o poder da vigilância quase não existiria se não fosse a cobrança que cada um já tem incorporado do deveres de produção, as encomendas.

Na primeira banca, a de menor porte, segundo o relato dos proprietários, não há horários fixos de rotina de trabalho, porém eles tentam manter o mesmo ritmo de trabalho para poderem terminar a produção no prazo, dependendo da demanda de sapatos o trabalho na banca se estende até a noite; geralmente o casal proprietário começa a trabalhar logo de manhã e após o almoço, quando o filho retorna da escola, ele se junta ao trabalho.

Na banca de médio porte e na de maior porte, ambas possuem uma rotina fixa de horários, de modo geral começam o trabalho às sete horas da manhã, interrompem às onze horas da manhã para o almoço, retornam ao meio dia e meia ao trabalho que tem fim às dezessete horas.

C) As Fábricas

O bairro onde está a primeira fábrica, Bairro Aviação^{vi}, localiza-se em uma região periférica da cidade, é caracterizado por um pequeno aeroporto no bairro e ainda há um grande número de pequenas fábricas de sapatos e de bancas de pesponto. O bairro onde se localiza a segunda fábrica, Bairro Silveiras^{vii}, é central, perto dele há comércios em geral, uma igreja e poucas residências.

Os cenários das duas fábricas se diferem, já que a primeira fábrica pode-se considerar de pequeno porte e a segunda fábrica é de médio porte.

A primeira fábrica tem um cenário, de modo geral, mais precário, se dividindo em apenas dois tipos de espaço, um setor se caracteriza com dois pequenos cômodos, nestes dois espaços um parece uma pequena garagem e o outro uma pequena sala residencial, nestes espaços se faz o processo de pespontagem, em outro setor, que são dois grandes barracões, se faz todo o processo de modelagem e montagem do sapato até chegar na caixa. A segunda fábrica tem um barracão central, onde se faz o processo de montagem do sapato, dele saem outros espaços como a sala de departamento pessoal, o almoxarifado, o espaço de cartonagem, o espaço de pespontagem, o de se fazer o pré-fresado, entre outros espaços. Ambas as fábricas possuem banheiros, tanto masculino quanto feminino, para os funcionários, também uma sala reservada para o proprietário da fábrica. Somente a fábrica dois possui um refeitório, um espaço delimitado para um café e um pão para os funcionários logo que chegam de manhã no trabalho. Além da característica de possuir um refeitório a fábrica dois tem outro artifício que exemplifica de forma sutil o como este espaço da fábrica torna-se mais demarcado, esquadrihado, organizado, mais formal e complexo em relação ao espaço da fábrica um, essa característica referida é o cenário de entrada da fábrica, onde se têm portões e um interfone para identificação, quando se entra na fábrica chega-se primeiro em uma sala de espera, depois chega-se na sala do dono e depois outras portas para se chegar ao barracão de produção, porém os funcionários entram pelo fundo, direto no barracão ou no refeitório.

Na primeira fábrica trabalham ao todo quarenta e cinco funcionários, há apenas um gerente que cuida de toda a produção, já na segunda fábrica há oitenta e oito funcionários e há maior número de funções como gerente de produção, gerente de recursos humanos, secretárias, supervisores do almoxarifado, seguranças e encarregados da limpeza.

O movimento dos corpos no setor de pespontagem de ambas as fábricas é maior do que nos setores de montagem das fábricas. Na área de pespontagem, da primeira e da segunda fábrica, a maioria dos funcionários trabalha sentados, juntos em uma mesa cada um fazendo um pequeno movimento, cortar, colar, limpar, queimar, outros sentados, individualmente, em frente as máquina de pespontagem.

No setor de montagem do sapato de ambas as fábricas a maioria dos trabalhadores trabalham em pé, individualmente, cada um fazendo o seu serviço específico. Porém na fábrica um, por ser o modelo de produção por carreta, cada grupo de funcionário em um

canto com as máquinas necessárias fazendo o seu serviço e o sapato é transportado de um setor ao outro por carretas; já na fábrica dois todos os funcionários, um ao lado do outro, fazendo um movimento específico e fragmentado ao ritmo da esteira.

Não diferente do que Foucault (2004) relata, o espaço tem o papel organizador, ele tem a função de separar os indivíduos para diminuir as conversas e assim otimizar a produção. Foi observado que em ambas as fábricas nos setores de pespontagem acontecem mais conversas espontâneas, mais interações entre os funcionários já que o espaço acaba tendo o papel de facilitador, como os trabalhadores de distribuem em grupo, em casa mesa quatro pessoas ou lado a lado cada um de frente a sua máquina de pesponto. Porém nos setores de montagem do sapato, onde há as grandes maquinas ou a esteira, como é o caso da segunda fábrica, as conversas e risadas se cessam, não se vê interações entre eles e movimentos que não sejam o trabalho automático que já estão acostumados a fazerem. Como foi visto por Fernandes^{viii} a esteira dita ao corpo o ritmo, e o movimento, não há espaço para conversas e qualquer gesto que não o ensaiado, as tarefas exige do corpo operário limites bem definidos e vigilância constante.

Em ambas as fábricas têm-se horários estabelecidos de entrada e saída. Na fábrica um os funcionários entram às seis horas da manhã e saem às dezessete horas, porém em época que há grande demanda, no final do ano, eles fazem cerão^{ix} então trabalham até as vinte horas. Na fábrica dois é tocado um sinal que indica o começo do trabalho e o final, às seis e quarenta e cinco da manhã é tocado o sinal de começo, porém muitos chegam mais cedo e vão tomar um café no refeitório ou inquietos vão organizando alguns sapatos que ficam empilhados m uma prateleira. O setor de pespontagem encerra o trabalho com o sinal às dezesseis horas, porém o setor de montagem que é a esteira e o setor de pré-fresado trabalham sempre uma hora a mais que os outros. Final de ano, época que aumenta a produção, todos trabalham finais de semana e feriado até meio dia e meia.

Segundo Mendes (2005), o século XX é marcado pelas práticas disciplinares que modelou um novo tipo de humano conforme ao novo tipo de trabalho e de produção – o cenário da fábrica, uma “adaptação psicofísica” ao sistema de produção industrial. Hoje, nota-se que os trabalhadores fabris incorporaram os mecanismos de controle e as normas que regem o cotidiano na fábrica como, o sinal de começo e fim do trabalho, antes das sete horas da manhã os trabalhadores já estão no portão de entrada esperando que estes sejam

abertos e dez minutos antes de se bater o sinal que indica o fim do trabalho os operários já estão se preparando para encerrar suas atividades.

4) Considerações Finais

Apesar de se ter que aprofundar mais nos três universos, no trabalho domiciliar, nas bancas de pesponto e nas fábricas, é possível verificar que, independente do espaço de trabalho, do lar à fábrica, o poder disciplinar está encarnado nos corpos. Não foi visto decursos e posturas espontâneas, criativas, apenas gestos automatizados e rotinas sucumbidas à necessidade do trabalho.

Ainda a grande questão é como desconstruir o corpo rígido e o tempo rotinizado em um cenário de precariedade de trabalho e assolamento da pobreza. Como produzir corpos nômades que consigam escapar dos deveres e da pressão do tempo otimizado para o trabalho e do corpo fragmentado e robotizado para se produzir.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas – SP: Papyrus, 1995, cap. 3, p. 35 – 48.

FERNANDES, Maria Esther. *Da manufatura à esteira: resgatando a memória do trabalho operário*. (mímio).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir nascimento da prisão/ tradução de Raquel Ramallete*. Petrópolis: Editora Vozes, 29.ed. p.117-147. 2004.

MENDES, Alexandre Marques. *Classe Trabalhadora e Justiça do Trabalho: experiências, atitudes e expressões do operário do Calçado Franca-SP, 1968-1988*. 2005, (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara- SP, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1996.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, beyond disciplinary power and biopower. *Lua Nova*. São Paulo, n.63, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 June 2007. Pré-publicação.

ⁱ A esteira faz referência a uma máquina específica da fábrica de produção de calçado.

ⁱⁱ Maria Esther Fernandes (socióloga; livre-docente aposentada pela UNESP Campos Franca –SP; docente do Departamento de Comunicação Social Centro Universitário Uni-FACEF), é autora do artigo de que faço referência - *Da Manufatura à esteira: resgatando a memória do trabalho operário – (mímio)*. Este artigo ainda não foi publicado.

ⁱⁱⁱ Referência ao artigo Da manufatura à esteira: resgatando a memória do trabalho operário. Maria Esther Fernandes. (mímio)

^{iv} O nome do bairro é fictício

^v Maria Esther Fernandes (socióloga; livre-docente aposentada pela UNESP Campos Franca –SP; docente do Departamento de Comunicação Social Centro Universitário Uni-FACEF), é autora do artigo de que faço referência - *Da Manufatura à esteira: resgatando a memória do trabalho operário – (mímio)*. Este artigo ainda não foi publicado.

^{vi} O nome do bairro é fictício

^{vii} O nome do bairro é fictício

^{viii} Referência ao artigo Da manufatura à esteira: resgatando a memória do trabalho operário. Maria Esther Fernandes. (mímio)

^{ix} Cerão é o nome informal dado ao tempo extra que os funcionários muitas vezes trabalham, são horas além das habituais de trabalho, os funcionários que trabalham neste espaço de tempo a mais também recebem remuneração.